

Apresentação

Cultura, Educação e Memória

André Luiz Paulilo¹

Joaquim Tavares da Conceição²

A configuração de acervos da educação e da escola foi abrangente desde as últimas três décadas e objeto de estudos reiterados. À ampliação documental que se deu com a preocupação da área da história da educação em renovar metodologias de pesquisa e perspectivas de análise se seguiu um esforço de localização e preservação de arquivos escolares, da educação e de educadores. Atualmente, a historiografia reconhece que tanto a busca de documentação acerca da escola e da docência em arquivos públicos quanto a organização na escola de arquivos permanentes e centros de memória resultou em importante revisão de alguns pressupostos da área. Não só a produção em torno dos resultados é numerosa como também há balanços bem refletidos sobre alguns conjuntos de iniciativas (CUNHA; CAMPOS, 2020; BICCAS; SALVADORI, 2005). Em um deles, Cunha e Campos (2020, p. 13), ao discutir o tema do patrimônio histórico-educativo nos Congressos Brasileiros de História da Educação, apontam que “o ainda pequeno esforço interpretativo sinalizou para presenças de temas e objetos, mas também para lacunas e pontos pouco iluminados que poderão apontar possibilidades futuras de investimento acadêmico na área”.

De fato, apesar de uma área de estudo bastante frequentada e da variedade de iniciativas de organização em torno dela, o potencial para ampliação das pes-

1 Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Coordenador do Centro de Memória-Unicamp com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação. Lidera o Programa de Estudos e Pesquisa História da Educação do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - PQ 2. E-mail: paulilo@unicamp.br

2 Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia, com Pós-Doutorado em Educação, realizado no Programa de Pesquisador de Pós-Doutorado (PPPD), da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com bolsa de Pós-Doutorado Sênior do CNPq (2022), é Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe com atuação no Colégio de Aplicação, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFS) e no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - PQ 2. Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (GEPHED/CNPq/UFS). E-mail: joaquimcodapufs@gmail.com

quisas ainda é significativo. Sobretudo, os balanços notam tanto um movimento crescente de constituição de arquivos quanto uma maior diferenciação das formas de abordagem e problematização. Por um lado, vê-se que é contínua a tendência identificada por Biccas e Salvadori (2005, p. 153) de criação de “centros de documentação e memória da educação para além dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e em número bastante significativo fora das grandes capitais brasileiras”. Por outro, conforme ressaltaram Cunha e Campos (2020, p. 8), os estudos do patrimônio, e sua vinculação com a história, tem referenciado uma elaboração teórica voltada à qualificação das iniciativas práticas.

Além da expansão das iniciativas de organização de centros de memória e documentação voltados para as instituições escolares e os processos educativos e da sua importância para o atual debate da história da educação, também é notável a internacionalização do tema. Na Espanha e Itália, e também em Portugal, a reflexão sobre o patrimônio educativo resulta de uma produção já consolidada. Escolano (2010, 2017, 2020), Pablo Alvarez Dominguez (2017), Meda (2015), Sani (2019), Felgueiras (2012, 2016) e Mogarro (2005a, 2005b) são algumas das referências dessa produção que atualmente circulam no Brasil. O intercâmbio se mostrou profícuo para o estudo da memória educativa e para a compreensão da cultura material da escola. Conforme procuramos mostrar no dossiê, as discussões realizadas nesses países dialogam com o que se tem feito aqui para o estudo da cultura escolar e do patrimônio histórico educacional.

Mesmo que variadas nos objetivos e heterogêneas nos pressupostos, tanto as ações de preservação de acervos da escola e da educação quanto as pesquisas nessa área de atuação viabilizaram novas perspectivas de estudo da educação. Atualmente, a memória da escola, as práticas museais em instituições educativas, o patrimônio histórico escolar ou o acadêmico-científico das universidades concentram novas frentes de ação e pesquisa. À proposta deste dossiê de revisitar o debate em torno da organização de acervos da

educação e da escola interessaram, sobretudo, essas frentes. Assim, o propósito do dossiê *Cultura, Educação e Memória: Patrimônio, Acervos e Coleções* é pensar o papel dos arquivos, bibliotecas, museus e centros de memória e documentação na preservação do patrimônio cultural e da memória a partir de experiências advindas da organização de acervos da educação e da escola. Por um lado, então, procura debater experiências em torno da preservação desse tipo de acervo. Por outro, deseja fomentar reflexões acerca da pesquisa a respeito da escola e da educação em acervos de cunho arquivístico, museológico e bibliográfico.

O principal escopo deste dossiê é, portanto, associar a discussão da historiografia sobre o patrimônio, a cultura material e a memória educacional ao trabalho que realizam os arquivos, as bibliotecas, os museus e os centros de memória e documentação. Nesse sentido, pensamos esta proposta de dossiê como uma forma de contribuir para o profícuo debate que, atualmente, envolve a pesquisa e a organização de acervos nos estudos sobre a história e a memória da educação com trabalhos inéditos e originais. Inicialmente, as contribuições de Lucia Paciaroni e dos organizadores deste dossiê trazem considerações de ordem geral sobre o papel dos arquivos escolares para as atividades educacionais e a dinâmica de circulação da temática na área da história da educação, respectivamente.

Primeiro, Lucia Paciaroni explora tanto as possibilidades de investigação histórica quanto a função educativa e social dos arquivos escolares. Por um lado, a legislação italiana, como mostra Paciaroni, fez as escolas zelarem pela adequada conservação de seus arquivos na própria unidade ou em arquivos estatais competentes. Diferentemente do que ocorreu no Brasil, uma política de preservação e acesso foi desenhada pelas autoridades e tem servido para a pesquisa histórica. Ainda que, por vezes, a realidade verificada não corresponda ao estabelecido pela lei, Paciaroni mostra bem o inestimável valor do patrimônio documental reunido nos arquivos escolares italianos e como

essa documentação tem permitido investigar as práticas educativas e a vida material da escola. Por outro lado, as iniciativas concebidas na escola para sensibilizar os alunos sobre o tema da conservação e valorização da memória escolar são percebidas como recurso indispensável para uma cidadania ativa e consciente. Em torno da ideia de laboratório didático, Paciaroni reúne uma quantidade expressiva de exemplos. Especialmente, mostra a eficácia dos arquivos escolares como espaços para o ensino da história na escola e a formação para a cidadania explorando a função educativa e social desses espaços para o desenvolvimento da capacidade crítica, para a construção de um pensamento historiográfico entre os jovens e para sensibilizá-los sobre o tema da preservação de bens culturais.

Depois, nós, que organizamos o dossiê, apresentamos um balanço historiográfico da produção em História da Educação acerca do patrimônio histórico educacional, a partir de publicações prospectadas em revistas científicas. O propósito foi sistematizar alguns resultados de organização de arquivos escolares ou da educação e dos acervos institucionais ou pessoais de educadores. O esforço responde ao desafio de apresentar análises de conjunto a respeito do que vem sendo feito nessa área. Procurou-se identificar nas atividades com acervos escolares e da educação as linhas temáticas e referências bibliográficas utilizadas. Os resultados apontam para a concentração da produção e da sua veiculação, apesar da expansão e diversidade das iniciativas; a valorização da temática com a publicação da produção em periódicos consolidados na área da educação e da história da educação e abrangência conceitual e a dispersão dos referenciais teórico-metodológicos, apesar da predominância dos pressupostos da história cultural. A abrangência e a regularidade dessa produção que se pode verificar na amostragem analisada parece-nos atestar que os arquivos escolares e da educação ainda asseguram espaços para a pesquisa em novas fontes e a visibilidade para novos objetos de estudo.

Em seguida, a atenção recai sobre as relações entre museus e práticas educativas através das reflexões de Vera Lucia Gaspar da Silva com Gabriel Scaglioti e de Marluce Andrade, Renata Tuão, Thays Araujo e Márcia Costa.

Silva e Scagliota se dedicaram ao Museu Pedagógico de Montevideu, hoje Museu Pedagógico José Pedro Varela, para compreender as estratégias de composição do acervo em seus anos iniciais. Já Andrade, Tuão, Araujo e Costa trataram do espaço museal da atual Creche-Escola Doutor Álvaro Alberto, em Duque de Caxias, refletindo sobre as suas ligações com o antigo Museu Regional da Escola Regional de Merity. No primeiro caso, o estudo dos periódicos reunidos pelo Museu Pedagógico de Montevideu serviu para se compreender o espaço de debate e circulação de ideias que então ele era. No outro caso, discute-se a valorização da cultura local como elemento de atividades pedagógicas cotidianas e, também, ao modo de Paciaroni, a própria escola e seu espaço museal enquanto patrimônio histórico-educativo. De todo modo, em ambos os casos, observa-se um mesmo esforço de compreensão histórica e social de organização de projetos de escolarização em que a memória é um recurso mobilizado.

Um terceiro conjunto de considerações sobre os modos como a documentação escolar ou acerca da educação anima iniciativas de organização e pesquisa reúne os estudos de Márcia Marlene Stentzler sobre as Escolas Reunidas de Porto União, em Santa Catarina, de João Paulo Oliveira, Sayonara Santana e Raquel Elvas acerca do MEOL e do CEMAS e de Luciana Eliza dos Santos sobre o Centro de Memória da Educação da FEUSP. A pesquisa, o inventário ou a organização de fontes escolares e da educação são desafios distintos embora complementares. Dos *Termos de Visitas das Escolas Reunidas de Porto União*, em Santa Catarina, pesquisados por Stentzler resultaram interpretações a respeito da circulação de pessoas pela escola primária do século passado. Já a documentação inventariada e organizada pelo MEOL e pelo CEMAS compreendida por Oliveira, Santana e Elvas e pelo CME-FEUSP descrita por Santos, como nas reflexões de Silva e Scagliota, beneficiaram a análise sobre as conexões das quais resultou a composição dos próprios acervos.

Stentzler analisa os registros e conexões estabelecidas por visitantes das Escolas Reunidas e do Grupo Escolar Balduino Cardoso de Porto União/SC, a partir

do livro de *Termos de Visitas das Escolas Reunidas de Porto União* (1918-1969). Investiga, a partir desse documento, a circulação de ideias e de educadores brasileiros e a visita a Porto União feita por Augustin Venturino e Alice Lardé Venturino, representantes do Ministério da Instrução do Chile, para pensar processos da difusão internacional das inovações escolares desde uma perspectiva local.

Oliveira, Santana e Elvas investigam a relação entre os acervos reunidos pelo Museu Escolar Oliveira Lopes e pelo Centro de Educação e Memória do *Atheneu Sergipense* com vistas a pensar a memória salvaguardada nas próprias instituições de ensino. Percebe o potencial didático deles como ferramentas e recursos pedagógicos para a produção do conhecimento por meio da memória institucional. Oliveira compreende bem que espaços como os do MEOL e do CEMAS constituem lugares de memória pedagógicos pela exposição que asseguram daquilo que a escola deixou como legado material.

Santos reflete sobre a relação entre memória, arquivo e memória política. Em especial, ocupa-se dos significados da presença de acervos provenientes de pessoas e movimentos sociais nas universidades a partir do estudo do Arquivo João Penteado do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Nesse sentido, aponta para o papel das instituições de custódia e difusão do acervo de um protagonista do movimento anarquista no Brasil para a formação docente, para a pesquisa e, especialmente, para o contato com diferentes representações do fenômeno educativo.

Por fim, um último conjunto de estudos detém-se sobre o ensino superior. Alessandro Carvalho Bica, com Simôni Gervasio e Tobias Rodrigues, Patrícia Fonseca com Jonas Queiroz, Júccia Nathielle Oliveira com Bernardina Freire de Oliveira e Rubens Bedrikow com Ivan do Amaral e Thaís Alves, respectivamente, a respeito da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), da Universidade Federal de Viçosa (UFV), da Escola de Agronomia do Nordeste na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), exploram aspectos da organização e do estudo da documentação e do patrimônio acadêmico das universidades.

O repositório de fontes criado na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) é apresentado por Alessandro Carvalho Bica, Simôni Gervasio e Tobias Rodrigues como recurso para a preservação e o acesso às fontes. Assim, tratam de uma estratégia para preservação da memória do ensino baseada na construção de ambiente digital – o Repositório Tatu – que publica versões completas de obras que possuem livre acesso e promove o acesso às fontes investigadas nas pesquisas do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA). Paralelamente, Bica, Gervasio e Rodrigues refletem sobre a preservação digital da documentação e da sua autenticidade por meio do uso de ferramentas de acesso aberto. Nesse sentido, chamam a atenção tanto para as estratégias de captação das fontes quanto para as de escolha e seleção dos softwares e plataformas que favoreceram a elaboração de soluções de preservação digital da documentação de grande alcance e baixo custo.

Também são as questões de acesso à documentação que Patricia Fonseca e Jonas Queiroz discutem em relação à Universidade Federal de Viçosa. A partir do confronto das informações obtidas junto ao canal Fala.BR da UFV e ao Serviço de Registro de Diploma e Certificado (SRDC) com o que está previsto na Lei de Arquivos e na Lei de Acesso à Informação (LAI) questionam a política de gestão documental nas universidades. Por um lado, Fonseca explora as dificuldades que a falta de gestão documental impõe ao acesso da informação. A “descentralização dos acervos”, a “cultura de guardar tudo” e as “transferências sem critério” são algumas das dificuldades sobre as quais se detém as suas críticas. Por outro lado, Fonseca e Queiroz apontam soluções que servem de referência para a elaboração de uma política de gestão documental efetiva: sensibilização e participação de toda a comunidade universitária, implementação de programas de Software Livre e Dados Abertos e a presença de arquivistas na equipe de profissionais responsáveis pelo serviço de prestação de acesso à informação.

Júccia Nathielle do Nascimento Oliveira e Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira estudam o acervo especial da Biblioteca Setorial Francisco Tancredo Torres da Escola de Agronomia do Nordeste da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Com o objetivo de investigar as marcas de proveniência e propriedade, a história institucional e a trajetória intelectual de personagens que contribuíram para o desenvolvimento da instituição, discutem a biblioteca como lugar de memória. Sublinham a importância das bibliotecas universitárias para os esforços de compreensão da memória científica ao perceber nelas as marcas patrimoniais dos valores arraigados nas instituições onde funcionam. Nesse sentido, Júccia Oliveira e Bernardina Oliveira percebem o acervo bibliográfico da Escola de Agronomia como evidência das mudanças que alteraram a história da formação em Ciências Agrárias na UFPB.

Os prontuários do Serviço de Psiquiatria Infantil da Unicamp serviram a Rubens Bedrikow, Ivan do Amaral e Thaís Alves para compreender a forma de organização desse serviço, as manifestações de doenças mentais na infância e as práticas de cuidado na Universidade entre 1974 e 1986. A forma como Bedrikow, Amaral e Alves exploram este acervo testemunha a variedade de perspectivas a partir das quais se pode estudar a história da prática psiquiátrica. Assim, na espécie de painel que a análise apresenta, notam-se as pistas para a compreensão das estratégias de organização do serviço de atendimento, dos processos de patologização, das mudanças de entendimento dos problemas psíquicos da infância e das relações que afinal a escola mantém com a prática médica. Em perspectiva histórica, o estudo de Bedrikow, Amaral e Alves dos prontuários do Serviço de Psiquiatria Infantil da Unicamp sugere que “não foram tanto as crianças que mudaram em quatro décadas, mas sim a forma como são observados e classificados dentro da nosologia psiquiátrica”.

A variedade das iniciativas de organização e uso de documentos, das instituições de custódia da documentação e das perspectivas de configuração dos acervos da educação e da escola que este dossiê pode reunir não só reflete a

força do tema atualmente, também expressa uma importante renovação das preocupações nessa área. Ao interesse inicial pela ampliação documental que se instalou entre os pesquisadores da História da Educação no fim do século passado se seguiram esforços de organização e preservação da documentação e investimentos para a produção de conhecimento sobre o patrimônio documental em educação a respeito dos quais este dossiê procura ainda somar outros temas e iniciativas. Assim, quis-se reunir contribuições que se ocupassem das interfaces que o estudo do patrimônio documental em educação mantém, por um lado, com as práticas escolares e a pesquisa e, por outro, com o processamento e disponibilização de fontes tanto para o exercício historiográfico quanto para o acesso da sociedade. Nesse sentido, a nossa expectativa com o dossiê *Cultura, Educação e Memória: Patrimônio, Acervos e Coleções* é ampliar as possibilidades de investigação bem como avançar em temas e objetos já frequentados nessa área de estudo.

São 14 instituições de guarda de documentos – 3 Centros de Memória, 3 Museus, 4 universidades e 4 escolas – 6 acervos, 40 periódicos e 1 repositório de dados que 11 artigos colocam em perspectiva aqui. No esforço comum de compreensão de práticas do trabalho de investigação e estudo sobre o patrimônio, os acervos e as coleções, destaca-se a variedade dos modos de analisar a problemática social da memória. Este dossiê reúne estudos que desde a dimensão educativa do tema da preservação até o balanço de produção, passando por análises dos usos e da composição dos acervos e pela comparação de iniciativas, circunscrevem um profícuo esforço interpretativo. A pesquisa documental em arquivos escolares, em centros de documentação e em coleções de museus e bibliotecas universitários que protagonizou um importante movimento de ampliação das fontes agora também serve de base e como repertório crítico para novos estudos das relações entre cultura, educação e memória. O dossiê agora publicado não é mais que uma pequena amostra disto. Portanto, com ele, soma-se um novo conjunto de reflexões às atuais inventivas para a problematização da memória e do patrimônio documental custodiado em escolas e universidades.

Referências

ALVAREZ DOMÍNGUEZ, Pablo. La interpretación patrimonial en el museo pedagógico universitario: hacia una pedagogía de la estampa histórico educativa. *Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo*, Campinas, v. 3, n. 1, p. 175-200, jan./jun. 2017.

BICCAS, Maurilane de Souza; SALVADORI, Maria Ângela Borges. Centros de documentação e memória da educação: perspectivas de pesquisa para história da educação. *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 23, n. 2, p. 147-155, jul./dez. 2005.

CUNHA, Maria Teresa Santos; CAMPOS, Emerson César. Um itinerário de pesquisa: aspectos sobre a temática patrimônio histórico-educativo na história da educação (2000-2015). *Rev. Iberoam. Histórico-Educativo*, Campinas, v. 6, p. 1-16, e020021, 2020.

ESCOLANO BENITO, Agustin. Invitación a repensar la cultura material de la escuela. *Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo*, Campinas, v. 6, p. 1-19, e020023, 2020.

ESCOLANO BENITO, Agustin. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas: Alínea, 2017.

ESCOLANO BENITO, Agustin. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13-28, jul./dez. 2010.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições*, Campinas, v. 16, n. 1, p. 87-102, 2016.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação história. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 11, n. 1 [25], p. 67-92, 06 jan. 2012.

MEDA, Juri. A “história material da escola” como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 7-28, 2015.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. *Pro-Posições*, v. 16, n. 1 (46), p. 103-116, jan./abr. 2005a.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 10, p. 75-99, jul./dez. 2005b.

SANI, Roberto. A pesquisa sobre o patrimônio histórico e educacional na Itália. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 75-95, set./dez. 2019.